

MISTERIOSA E TORPE VIOLÊNCIA: UMA NOTA SOBRE O CONTO “TOBIAS MINDERNICHEL”, DE THOMAS MANN¹

Mysterious and vile violence: notes on the tale “Tobias Mindernickel”, by Thomas Mann

Alexandre Pandolfo
PUCRS/UFSC

RESUMO

Este ensaio é uma nota sobre um conto de Thomas Mann intitulado “Tobias Mindernickel” escrito no final do século XIX e que para o presente propósito serve como motivo para abordar as relações entre literatura e violência e por decorrência as relações entre literatura, direito e filosofia. Também se presta para espelhar uma imagem do curso histórico da civilização ocidental pretensamente oposta às barbáries de diversas espécies, apontando, nesse sentido, para a crítica do *logos* hegemônico, bem como para a crítica estética e política ao estado de exceção regido pela prática corrente da linguagem biopolítica.

Palavras-chave: Thomas Mann; Tobias Mindernickel; representação; crise; violência.

ABSTRACT

This essay is a note on a tale by Thomas Mann entitled “Tobias Mindernickel”, written in the end of the XIX’s. For the purpose of this essay the tale is a motif to address the relations between literature and violence and consequently the relations between literature, Law and violence. It is also appropriate to mirror an image of western civilization historical course pretentiously opposed to barbarities of different kinds. It points, in that sense, to a critique of the hegemonical *logos*, as well as to esthetical and political critiques to the exception state ruled by the biopolitics language.

Keywords: Thomas Mann; Tobias Mindernickel; representation; crises; violence.

“Com pensamentos como esses surgem de imediato as famosas controvérsias – do tipo ‘sim-mas’ – e nenhum mal ocorre no mundo em relação ao qual não existam os mais fortes argumentos para justificar sua necessidade e que em nenhuma hipótese poderia ser diferente.” (Theodor Adorno, *Introdução à sociologia*, p. 74)

O pungente e arenoso conto “Tobias Mindernickel”, de Thomas Mann, escrito em 1897, na beira abismal do século XIX, é uma incisiva expressão para o que no curso do século XX passou-se a ver no próprio real: a materialização cotidiana da catástrofe, cuja consequência foi uma inevitável mudança na forma como o real propriamente dito passou a ser percebido, um abalo na concepção mesma da representação, isto é, uma rachadura no discurso próprio sobre a verdade que doravante não pôde simplesmente se coadunar com os seus auspícios de beleza, bondade e harmonia, tradicionalmente universalizadas por intermédio de uma linguagem que se cria capaz de apreender este real. Significa que, frente a um determinado esquema, algo parece não se entregar “ao poder escravizante do constrangimento representativo” (LYOTARD 1997, p. 106), fascinado pela possibilidade de subsumir toda a realidade, toda a diferença, à sua hipertrofiada vontade de verdade, cuja unidade funcional reside na lei geral da concordância regida pelo esforço de repetir *ad infinitum* o seu interesse no idêntico, isto é, o empenho em si mesmo, sempre e desde que possa ser reproduzido em condições laboratoriais (o hábito mental de reproduzir, no mais, a si próprio). Para

¹ Este texto é parte revisada de um ensaio mais amplo publicado anteriormente sob o título “Thomas Mann e Theodor Adorno, ética e estética”, *Letrônica*, v. 6, n. 1, 2013.

Maurice Merleau-Ponty (2004, p. 13), precisamente, “a ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las”, e isso não afeta apenas a consciência geral de um comportamento marcado por roupagens brancas e óculos transparentes, mas fundamentalmente, radicalmente, ou seja, no fundo do fundo, na raiz da coisa, afeta a responsabilidade mesma com a conservação, a irresponsabilidade na conservação da opacidade do mundo, coordenado por uma lógica operatória e seu artificialismo ardiloso e absoluto cujo *prix du progrès* é um conjunto de projeções que não faz mais que ecoar o que já está previamente decidido pela intenção cega e idealista de dominar a realidade através da sua substituição, da sua fungibilidade absoluta. Mas a esse logro, a essa neutralização, responde a *secura cabal* que é a contemplação de “um vaso de flores cheio de terra nua, no qual não cresce nada” (MANN, 2000, p. 69), o que, de qualquer forma, não representa nada mais. Expressa apenas um fragmento das condições de vida nas quais nos encontramos ou desencontramos atualmente, sob o manto jurídico do estado de exceção. Mas a questão crucial é a proeminência do tempo e o pulsar estético que aí acontece – e justamente isso é sugado pela lógica autorreferente, pelo hábito mental que tem as mais diversas expressões e *uma* retrolegitimação fundamental: a tautologia, que é ao mesmo tempo o seu fracasso original. Então, a brutalidade de um fato não se reduz no mais à sua própria representação e, nesse sentido, nesse instante “o fato puro de um assassinato perpetrado conduz a fenomenologia descritiva dolorosamente até seus limites” (SOUZA, 2000, p. 25). Para Lyotard (1997, p. 30), “nem o cálculo nem a analogia conseguem decifrar o que sobra desta diferença”. E o que acontece, pois, em “Tobias Mindernickel” é que “o momento de universalização que está na base da representação é destruído devido à singularidade do evento-limite” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 77).

O conto “Tobias Mindernickel”, vale dizer, Tobias de-pouco-valor ou de-valor-diminuto, inferior, ridículo, pode ser lido pela capacidade de expressar o mecanismo intelectual que estrutura a percepção em correspondência com o entendimento, quero dizer, pode ser entendido como uma crua expressão da “lei que nos rege anonimamente” (ADORNO, 2008, p. 46), da tautologia em curso na vida danificada enquanto tal, para cuja esfera de inteligibilidade, caracterizada por uma determinada estrutura do ver, “tratar-se-ia de entender toda alteridade que se reúne, que se acolhe e se sincroniza na presença ao interior do *eu penso*, [...] de entender esta alteridade assumida pelo pensamento do idêntico”, como refere Lévinas (2005, p. 207). E, no entanto, “do fundo da identidade do Eu, precisamente contra esta perseverança de boa consciência e questionando esta identidade de repouso – emerge [...] a inquietude” (LÉVINAS, 2005, p. 218-219), uma estranheza absoluta de fato denuncia o delírio do *logos* heterofágico e o fracasso cabal da sua intencionalidade. A desarticulação da solidez das estruturas lógicas é inexpugnável – irrompe o acontecimento traumático.

Sobre Tobias Mindernickel “conta-se uma história que é preciso relatar porque é misteriosa e incrivelmente torpe”, afirma o narrador do conto (MANN, 2000, p. 67). Numa bela forma de subir e ascender até a moradia de Tobias chega-se, de acordo com o narrador, a “uma estreita e gasta escada de madeira, onde paira um indescritível cheiro de mofo e de pobreza” (MANN, 2000, p. 67). Quer dizer, há o cheiro; fede a mofo; fede a pobreza – e parece mesmo que além de tudo é o substantivo que fede a realidade aparentemente ordenada. E, no entanto, o cheiro é indescritível. O trauma, assim como o sublime, e esta é uma lição freudiana, transborda a capacidade de representação. É claro que uma representação extremamente realista poderia ser possível, mas a questão não é exatamente essa; a questão é saber se ela é desejável ou se apenas auxilia na reprodução do engodo. Enfim, sobre esse homem, Tobias, conta-se uma história, isto é, acerca dele há uma história e por sobre ele mesmo ela é contada. Um terceiro conta a história através do narrador, elevando o conto à dimensão através da qual este que conta deve estar na presença de um acontecimento certamente tão misterioso e torpe quanto a história que ouviu sobre o Mindernickel e que logo lhe veio à lembrança devido a estas suas características peculiares. A história, então, é contada a partir do que, na história se assemelha e difere do que é “misterioso e incrivelmente torpe” aos seus olhos, visto que estas circunstâncias enquanto tais não são adjetivos exclusivos ao “causo” Tobias.

Assim, esse personagem inicia como outro à realidade já estabelecida pelos seus vizinhos, uma realidade em detrimento da sua pessoa e das suas qualidades. Mindernickel tem um aspecto “esquisito, surpreendente e cômico. [...] ele não é capaz de encarar nenhuma pessoa ou coisa com firmeza e calma. [...] Seu rosto é o de alguém que levou um soco violento na cara, entre o riso e o desprezo dos outros” (MANN, 2000, p. 67-68). Literalmente, Tobias é assinalado pela violência. Ele quase não sai de casa e quando “aparece na rua, acorrem muitas crianças, seguem atrás dele por um bom trecho do caminho, riem, deboçam e cantam” (MANN, 2000, p. 68). Mas sempre há uma virada surpreendente nos textos de Thomas Mann. E acontece, pois, que certa vez nessa zombaria das crianças, um menino machuca-se violentamente. Tobias, então, oferece a sua ajuda:

– Pobrezinho, machucou-se? Claro, claro, deitado aí tão triste! Dói, sim, eu sei... E naquele momento, seus olhos, assim como seu rosto mostravam uma expressão bem diferente da habitual. Caminhava ereto... enquanto em sua boca pairava um traço de dolorosa felicidade” (MANN, 2000, p. 69-70).

Então, durante algum tempo as pessoas zombaram menos dele, o que depois, com o esquecimento, em nada alterou substancialmente o curso das coisas tal como vinham ocorrendo desde sempre.

É cinza que o próprio narrador tem as suas impressões sobre Tobias, um sujeito oculto esse narrador, falando parece ser, conta que por umas poucas moedas Mindernickel comprou um cachorro e o aparecimento destes dois certo dia na rua Cinzenta provocou o alarido ensurdecido das crianças. A partir daí, Tobias saía ainda menos de casa. Brincando com o cão, chamando-o e alimentando ao molde de gorjetas, Tobias era incansável. Esaú, o cão, no entanto não o era, e cansou de repetir esse exercício indigesto.

– Mais uma vez! – disse Tobias. – Esaú! / Mas Esaú desviou a cabeça para um lado e ficou onde estava. Outra vez gritou Tobias com voz de comando: – Você tem de vir, mesmo que esteja cansado... obedeça ou vai ver que não é aconselhável me irritar! Mas o animal apenas moveu a cauda. Então Mindernickel foi dominado por uma ira louca e desmedida. Pegou sua bengala preta, levantou Esaú pelas peles do pescoço, e bateu no animalzinho que gritava... E por fim jogou de lado a bengala e colocou no chão o cachorro que gania. (MANN, 2000, p. 72)

Andou de um lado para o outro a passos largos com olhar arrogante e furioso, “com o mesmo terrível olhar e entonação gélidos com que Napoleão fuzilava os soldados que tinham perdido a águia na batalha” (MANN, 2000, p. 72). Esaú, o esquecido, é literalmente a imagem do que se arrasta, suplicante, sob o manto da civilização. E Tobias passa a cuidar do cachorro como nunca, trata-o no sentido mais puro do que significa cuidar, ainda que não entenda certas coisas: “– Por que me olha com ar tão dolorido, meu pobre amigo? Sim, sim, o mundo é triste, você também sente isso, embora seja tão novinho” (MANN, 2000, p. 73). Claramente Tobias necessita que o cão necessite dele, e ainda que não entenda a sua felicidade, tampouco suporta a sua infelicidade, mas precisa do sofrimento dele até o final, literalmente. Instrumentaliza-o, por assim dizer. No momento determinado em que teria o poder de decisão, o instante, o intervalo para romper com o ciclo violento, ele não o faz. O próprio Tobias é herdeiro da totalidade. Contudo, tinha todas as condições de romper com ela, justamente por causa do seu sofrimento, e não o faz. Trata-se, aqui, pois, daquilo que para Tobias Mindernickel serve de motivo à manutenção da violência, aquilo que justifica, literalmente, em carne e osso, a violência injustificável – uma ira louca e desmedida que Thomas Mann expõe às entranhas do personagem que intitula esse conto: uma ira louca e desmedida em prol do sofrimento do outro, erigida em favor do sofrimento, e, no entanto, erigida por qualquer coisa que encubra o sofrimento próprio de não estar apto para encontrar o sofrimento do outro. Uma ira contra o outro em nome do sofrimento e à custa da possibilidade radical de romper com os hábitos mentais que projetam essa lógica da violência. Uma sentença do *logos* à

reprodução da violência apresentada capciosamente no limite da possibilidade da representação. “Sim, sim, o mundo é triste, você também sente isso” (MANN, 2000, p. 73), são as afirmações seguidas aos afagos e carinhos de Tobias Mindernickel para o seu cão, após espancá-lo. Trata-se, então, não de um mero, desprezível, ridiculamente pequeno exemplo que excede o curso das coisas e por isso excepcionaliza-o, antes e profundamente o contrário, trata-se da expressão própria deste curso, do *modus operandi* que é regido por uma estrutura tradicionalmente hegemônica, pelo intelectual e hábil poder de sintetizar, emudecer tudo o que é expectativa, tudo o que é espera, esperança de irredutibilidade – eis que, traumáticamente, a morte que irrompe abalroa em inadequação, irredutibilidade, em desarticulação de um todo bem ordenado e oferecido à presentificação, à representação.

Assim, transitoriamente seria possível tangenciar a compreensão do palpitar profundo da vida hoje danificada enquanto tal, a coisa erigida em motivo pelo qual é preciso penetrar nas estruturas de linguagem fundamentais da contemporaneidade e desconstruí-las, e que se mantém urgente porque se perdeu o instante de sua realização, isto é, ao instante de harmoniosa confluência entre ser e pensar – o encantamento do domínio subjetivo – algo permanece à sombra. E a literatura dispõe e deixa em si despontar o que a linguagem da racionalidade instrumental rejeita com desprezo: a desconstrução, a força da metáfora, a imagem, o seu peso e a sua fluidez. E contra o poder insidioso do *logos* hegemônico e de todas as vias da sua justificação, administração e governabilidade no estado de exceção em que vivemos é que se expressa literariamente. O desencontro, a dissonância, o ponto de clivagem. As inesgotáveis operações imagéticas do verbo têm o condão de pôr em crise o idioma estético mesmo que serve à manutenção e à repetição das estruturas protocolares de linguagem subservientes ao anestesiamento da consciência da debilidade social – a coisa tornada nervo literalmente, não obstante a sua própria extensão, a inervação apesar da impossibilidade inteligível de dizê-la.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Introdução à sociologia*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. e coord. Pergentino Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Estampa, 1997.
- MANN, Thomas. *Os famintos e outras histórias*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito, seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. Trad. Paulo Neves e Maria Gomes. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. (Org.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Recebido em: 7 jun. 2016.

Aprovado em: 4 jul. 2016.